



Texto traduzido por ocasião do III Seminário de Teoria e História Literária, realizado em agosto de 2007 na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, Brasil, com a temática "Convergências Literárias". Na revisão da tradução, colaboraram Cássio Borges, Lucia Ricotta, Marcello Moreira e Ricardo Martins Valle (N. da T.).



**HANS ULRICH
GUMBRECHT e
ROBERT POGUE
HARRISON**
são professores da
Universidade de
Stanford (EUA).

Convergência paradoxal

HANS ULRICH GUMBRECHT
ROBERT POGUE HARRISON

Desafios e oportunidades
em nosso futuro?

Tradução de Marília Librandi Rocha

Assinam este manifesto: Anthony Aguirre, cosmólogo; Karol Berger, musicóloga; John Bravman, engenheiro de materiais; Horst Bredekamp, historiador da arte; Martin Bruncko, consultor político e econômico; João Cezar de Castro Rocha, teórico literário; Georgia Dunn, cantora e italianista; Jonathan Fetter-Vorm, historiador; Peter Galison, historiador da ciência; Hans-Martin Gauger, lingüista; Drew Gibson, empreendedor; René Girard, teórico literário e antropólogo; Hans Ulrich Gumbrecht, romanista; Robert Harrison, italianista; Michael Hendrickson, patologista; Karla Kirkegaard, virologista; Robert Laughlin, físico Prêmio Nobel 1998; Sandra Mitchell, filósofa da ciência; Irina Prokhorova, editora e crítica literária; Martin Seel, filósofo; Susan Stewart, poeta e crítica literária; Kathleen Sullivan, jurista; David Wellbery, teórico literário; Edward O. Wilson, cientista da evolução.



m

uitos motivos, nos mundos atuais da política, da economia e da cultura, muitos fatos empíricos, argumentos e propostas interpretativas sugerem que o século

XXI pode se tornar o século da “convergência paradoxal”. Essa foi a surpreendente conclusão obtida em uma experiência de seis dias que reuniu um grupo de 24 cientistas, humanistas e juristas, empresários, políticos e poetas de seis diferentes países e pertencentes a várias gerações na Universidade de Stanford em agosto de 2006. A experiência foi realizada para identificar e testar as melhores condições para a produção de um conhecimento realmente inovador, conhecimento que ninguém poderia prever antes do início de um processo intelectual conjunto. Suas metas iniciais e que estariam entre as melhores condições para a produção de conhecimento eram: a) a concentração em um foco temático consensual, mas pouco determinado; b) uma curta semana de conversações em copresença física, acompanhada de um processo coletivo de auto-observação e de auto-organização; e c) um objetivo comum vagamente predefinido. “Convergência” foi o nosso foco temático e este manifesto, produzido

em conjunto, é a realização de nosso objetivo comum – e o campo intelectual abrangido pelas nossas discussões situa-se entre um conceito tradicional de “convergência”, que pertence à ideologia do progresso com sua promessa implícita de harmonia, e uma noção mais complexa de “convergência paradoxal”, concebida como um emblema de nosso presente e de nosso futuro, um emblema que chama a atenção para múltiplos perigos, riscos e possivelmente oportunidades para a sobrevivência humana.

Um primeiro ciclo de discussão produziu duas descrições complementares e amplamente canônicas: 1) “processos são convergentes à medida que apresentam um desenvolvimento paralelo, surpreendente ao observador, através do qual elementos distintos se tornam cada vez mais semelhantes sem perder necessariamente suas identidades”; 2) “os processos de convergência podem ser, em diversas medidas, contingentes ou intencionais, mas nunca são totalmente intencionais, necessários, ou puramente casuais”. Antes mesmo de nos concentrarmos nas características dos processos de convergência que podem ser “surpreendentes ao observador” e na interação entre intencionalidade, necessidade e aleatoriedade como suas fontes principais, distinguimos três tipos de convergência não-paradoxal. A primeira é a “convergência paralela”, do tipo que conduz processos evolutivos a produzir espécies com muitas características iguais em ambientes diversos (há diferentes espécies de “tamanduás”, não relacionadas evolutivamente, em diferentes partes da Terra). O segundo tipo é a “convergência reativa”, melhor exemplificada pela Guerra Fria, quando a União Soviética e os Estados Unidos, em seu confronto, desenvolveram configurações militares e institucionais semelhantes. Finalmente, há a “convergência coordenada”, quando instituições, grupos ou disciplinas acadêmicas delineiam zonas cada vez mais complexas de intercâmbio enquanto mantêm suas identidades bem separadas (a bioquímica é o resultado de um processo histórico no qual a biologia e a química evitaram com sucesso se fundir).

Se muitos detalhes e perspectivas surpreendentes podem ser encontrados nesses três tipos canônicos de convergência, o que parece constituir nossa existência hoje, mais do que nunca antes, é um tipo diferente de convergência e seu elemento estrutural recorrente. Esse elemento é de natureza paradoxal, isto é, baseia-se na presença simultânea de fenômenos incompatíveis ou de impressões incompatíveis. No processo de convergência paradoxal entre dois ou mais elementos, forças contrárias a essa convergência vão emergir tanto mais intensamente quanto mais esses elementos se aproximarem de seu ponto de encontro potencial, com o efeito de adiar o momento do encontro ou tornar a sua ocorrência e os seus resultados imprevisíveis e precários. Essa descrição básica ajuda-nos a entender, em primeiro lugar, o que esperamos de uma convergência “normal”, não-paradoxal. Nesta, a partir do momento de seu encontro, elementos convergentes vão se fundir em formas de síntese, o que significa que o processo de convergência produzirá novas estruturas cujo aparecimento coincide com o fim do processo de convergência. Retomando o outro aspecto de nossa distinção entre convergência paradoxal e não-paradoxal, não precisamos identificar a convergência paradoxal nem com a impossibilidade de os elementos convergentes se encontrarem nem com um encontro que seja uma colisão (destrutiva). Essas já seriam formas específicas de convergência paradoxal. Para uma definição geral é suficiente destacar, em primeiro lugar, que a convergência paradoxal é uma convergência na qual forças contrárias à sua própria direção inicial aparecerão em algum momento e que, em segundo lugar, essas forças muitas vezes tornarão difícil predizer se o encontro entre os elementos implicados acontecerá e, caso aconteça, o que produzirá.

Como múltiplos fenômenos e incidentes de convergência paradoxal parecem permeiar o nosso presente (ou, pelo menos, como ficamos recentemente mais atentos a eles), vale a pena focalizar, microscopicamente, os segmentos anteriores e posteriores aos lugares (potenciais) e aos momentos de



seu encontro. O objetivo é distinguir e, se possível, explicar ou compreender as diferentes variações do processo em questão. Esse foco será semelhante à cena evocada no poema “Santarém” por Elizabeth Bishop. O poema descreve como, na cidade brasileira de Santarém, o Rio Tapajós, azul, e o Rio Amazonas, marrom, se encontram e seguem em paralelo, durante algum tempo, sem se misturarem, antes de sua junção inevitável. Começaremos então com uma série de exemplos que acentuam, mais e mais, a imprevisibilidade e os efeitos às vezes ameaçadores da convergência paradoxal. Uma série diferente de casos se seguirá tendo como denominador comum a possibilidade que temos de controlar e, possivelmente, até de conduzir para um bom uso as energias liberadas pela convergência paradoxal.

Talvez o caso contemporâneo mais eficaz de convergência paradoxal seja o encontro de múltiplas mídias e tecnologias de comunicação que têm dado origem à *world wide web* como uma dimensão da interoperabilidade eletrônica global – significando que a participação na *www* é independente do *hardware* ou do *software* específicos que podemos utilizar. Os novos historiadores da era eletrônica dizem que ninguém pode determinar qual evento específico, em uma concatenação contínua de momentos de convergência, foi decisivo para os efeitos que estamos observando hoje. Mas é evidente que o efeito da interoperabilidade global já produziu os seus próprios contra-efeitos, sendo o mais visível deles o circuito fechado entre o iPod da Apple alimentado pela sua própria loja de música iTunes. É igualmente certo que nos tornamos ainda mais inseguros em relação aos efeitos futuros da *world wide web* do que já estamos a respeito de sua história. Contra um otimismo superficial generalizado, que ainda cerca o seu desenvolvimento progressivo, é hora de investigar o modo como a *web* está formando e transformando a sensibilidade estética, os hábitos de pensamento ou de leitura e a estrutura da subjetividade nas novas gerações que nasceram na era da *web*.

Um caso estruturalmente semelhante é o processo da unificação européia cujo ritmo rápido e às vezes politicamente forçado produziu uma sensação geral de fadiga, ao lado de movimentos específicos de resistência nacional e até mesmo de isolamento regional nos campos da cultura e da língua. Ninguém está particularmente preocupado hoje com o futuro assinalado para a Europa, mas ninguém tampouco possui um prognóstico seguro. Quando diferentes práticas normativas convergem através de diferentes jurisdições, seu encontro pode levar a momentos de caos e imprevisibilidade que revelam uma estrutura semelhante à da história européia recente. Quando mais estados e cidades nos EUA convergiram a respeito da tolerância e da legalidade em relação ao casamento homossexual, houve, logo em seguida, um retrocesso que provocou uma série de medidas legais para deslegitimá-lo. Ao mesmo tempo, porém, a convergência a favor do casamento homossexual, uma vez que ele afluiu na contracorrente da opinião reativa, produziu a ampla aceitação de uniões civis homossexuais, até mesmo por oponentes ao casamento homossexual.

Uma das ambigüidades mais dramáticas que perturbam o presente resulta da convergência entre a moderna biologia e as práticas da nanoengenharia no novo campo da biotecnologia. Ela inclui a promessa de medidas preventivas que poderiam eliminar um número de doenças humanas particularmente agressivas, mas em direção a esse objetivo abrem-se possibilidades de manipulação genética cujos efeitos ameaçadores, a longo prazo, estão desafiando – e de fato parecem exceder – as capacidades do julgamento humano. O que é completamente espantoso na forma da convergência paradoxal é que, uma vez identificada, podemos vê-la operando em contextos tão diferentes, com uma tal variedade de histórias contrastantes e possíveis, mas sempre com consequências imprevisíveis. O mesmo princípio, que vemos em ação na *world wide web*, no processo da unificação européia, na legislação referente aos relacionamentos *gays* e na biotecnologia, possui uma afinidade



estrutural com o “desejo mimético”, talvez o mecanismo mais arcaico e mais permanente que domina a sociabilidade humana. Os seres humanos parecem dirigidos por um impulso irreprimível de copiar outros seres humanos. Mas enquanto os efeitos desse impulso unem-se à convergência social pela semelhança crescente, eles também provocam a paixão do ciúme que leva ao assassinato e à autodestruição.

Tradicionalmente, as crises do desejo mimético encontram sua compensação na morte sacrificial de um bode expiatório. Se assumirmos que a perigosa energia do desejo mimético sempre esteve na base do relacionamento entre as três grandes culturas monoteístas, então compreenderemos também que as soluções sacrificiais entre as religiões judaicas, cristãs e islâmicas sempre implicaram o perigo do conflito militar como um amplo e mais violento mecanismo de compensação. No entanto, a invenção de armas de destruição em massa elevou de tal modo o custo do conflito militar que se tornou impraticável atualmente resolver até mesmo graves conflitos por meios militares. Ao invés disso, devemos encontrar meios de impedir essa solução e conviver com esses conflitos por longos períodos de tempo.

Hoje, o caso central e mais visível, globalmente, de convergência paradoxal encontra-se na proximidade entre crenças cada vez mais fundamentalistas, entre o fundamentalismo cristão e um certo tipo fundamentalista de liberalismo esclarecido no interior de muitas sociedades ocidentais e, sobretudo, entre fundamentalistas muçulmanos, judeus, cristãos e liberais no assim chamado Oriente Médio. Podemos sentir essa tensão, quase literalmente, na própria pele dentro das paredes da cidade antiga de Jerusalém. Cada colisão, mesmo não intencional, entre o corpo de um judeu e o corpo de um muçulmano pode provocar violência, e tal violência não pouparia sequer o observador que ali se encontrasse. Sem embargo, há milhões de pessoas, judeus, muçulmanos e cristãos que vivem nessa zona de perigo, por livre vontade, por causa e não apesar desse perigo.

Nossa primeira série de exemplos sobre o conceito de convergência paradoxal leva-nos a questionar – e se trata de uma verdadeira questão, não de uma questão retórica – se há um componente na natureza humana, tanto na natureza biológica como na psicológica, que liga o desejo básico de união física ao desejo de morte. Algumas teorias sobre a paixão, isto é, sobre o amor incondicionalmente apaixonado, tal como parece ocorrer em todas as culturas, tentam explicar por que muitas das grandes histórias de amor apaixonado terminam em morte, propondo que o desejo de união e de intimidade ilimitadas e a pulsão de morte são convergentes se não idênticos. Romeu e Julieta não seriam vítimas de suas circunstâncias, mas vítimas de seu amor. Sabemos, porém, por nossa própria experiência diária, bem como por outros textos da Renascença sobre o amor, que a linguagem pode ser um instrumento que posterga e, às vezes, até impede que os finais fatais da convergência paradoxal ocorram. Pois a linguagem pode manter em aberto, como um potencial, as múltiplas possibilidades de fenômenos convergentes que, de outro modo, poderiam se fundir em uma estrutura rígida ou seriam destruídos no momento e durante o acontecimento de seu encontro. A linguagem, assim, é capaz de retardar e mesmo de manter em suspenso os processos de convergência paradoxal como momentos de saturação.

A história da física é repleta de exemplos em que o aguçamento de tensões e contradições entre teorias conflitantes, mais do que a busca de convergência através de um acordo, produziu novos níveis de compreensão através da criação de esquemas mais amplos, nos quais realidades teóricas opostas podem coexistir. No início do século XX, os físicos descobriram que as tentativas de resolver se a teoria quântica ou a teoria newtoniana clássica eram corretas sempre levavam a batalhas políticas. A solução foi desenvolver a lógica ilógica do princípio da incerteza, permitindo assim que duas teorias conflitantes convivessem sem ameaçar uma à outra.

É preciso enfatizar, contudo, que a linguagem nesses casos não funciona como

um meio de consenso. Antes, a linguagem torna-se um meio em que princípios conflitantes podem coexistir, lado a lado, sem colidir ou sem perder a sua tensão mútua. Faz parte dos ensinamentos da filosofia zen a idéia de que o espaço entre dois objetos convergentes que não conseguem tocar-se um ao outro se converterá em uma fonte de energia. Muito mais do que os conceitos de “consenso” ou “acordo”, essa idéia parece capturar o lado positivo da convergência paradoxal. Pode oferecer, por exemplo, uma nova e complexa visão da propensão antitruste na prática e na teoria do capitalismo e da divisão de poderes como um princípio constitucional. Normalmente, entendemos as leis antitruste e a divisão de poderes como decisões que proíbem a excessiva acumulação de poder econômico e político. Assim que as consideramos dentro da estrutura da convergência paradoxal, isto é, como medidas que impedem que os momentos de completude e de contigüidade convertam-se em situações de encontro e fusão, podemos perceber que, além de prevenirem a acumulação de poder, elas produzem e

conservam fontes de energia cívica e política. Talvez a presente contigüidade entre uma estrutura totalitária de Estado e um sistema econômico extremamente liberal na República Popular da China eleve esse antigo e honrado modelo a um novo e inesperado nível de eficiência.

Juntos, nosso segundo e nossa primeira série de exemplos sobre o modelo da convergência paradoxal podem ter dado a impressão de que, ao final, sua análise sugere “uma descrição bem equilibrada”, uma descrição em que as promissoras oportunidades a serem encontradas nos processos de convergência paradoxal igualariam ou até excederiam em importância os seus desafios ameaçadores. Nada pode estar mais distante do espírito dessa discussão, pois, assim como em cada caso específico de convergência paradoxal algumas promessas estão inseparavelmente ligadas a perigos muitas vezes letais, assim também os motivos que a análise da convergência paradoxal podem nos dar para sermos otimistas sobre nosso futuro são, ao mesmo tempo, elementos de uma visão apocalíptica.